



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**A ESCRITA DE UMA VIDA DESTINADA À SANTIDADE:
DISCURSO RELIGIOSO, INFÂNCIA E RELAÇÕES DE GÊNERO
EM BIOGRAFIA DA BEATA ALBERTINA BERKENBROCK**

Kelly Caroline Noll da Silva ¹

Resumo: A abertura do processo de beatificação em 1952 foi responsável por inscrever no tempo como acontecimento a morte violenta de Albertina Berkenbrock, ocorrida em 1931. Durante a década de 1950, alguns impressos foram responsáveis por divulgar o seu martírio para além da comunidade de Imaruí/SC, onde a menina nasceu. Contudo, é apenas em 2007 que Albertina fora consagrada mártir da Igreja Católica. Diversas biografias foram escritas na primeira década do século XXI a fim de divulgar sua história para um número cada vez mais amplo de fiéis. Assim, este trabalho apresenta resultados parciais da dissertação de mestrado da autora e tem como principal objetivo investigar de que maneira o discurso pós-beatificação fora produzido e difundido através da biografia escrita pelo jornalista Albi Israel da Silveira. A partir de estudos que discutem a construção de biografias e da perspectiva da História do Tempo Presente, pretende-se observar as repetições de um passado que traçam sentido para a beatificação da menina desde o seu nascimento, bem como as relações de gênero e sexualidade presentes no discurso religioso.

Palavras-chave: História do Tempo Presente, biografia, discurso religioso, santidade feminina, Albertina Berkenbrock.

INTRODUÇÃO

Junho de 1931. Menina de doze anos é assassinada após tentativa de estupro no pequeno município de Imaruí/SC. Notícia repulsiva? Perturbadora? Revoltante? É provável que sentimentos similares sejam provocados a maioria das pessoas que leem manchetes parecidas em jornais diários. Mas o que torna a violência sofrida por esta menina, singular em meio a tantas outras?

A menina se chamava Albertina². E, ao contrário do que se procede na maioria dos casos, sua história inscreveu-se na memória da comunidade em que nasceu e que foi criada,

¹ Mestra em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), atualmente é doutoranda em História no Programa de Pós-graduação da mesma instituição. Artigo produzido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: kellycarolinen@gmail.com

² Todas as informações sobre Albertina Berkenbrock foram retiradas do livro *Albertina Berkenbrock: Do nascimento à beatificação*, escrito por Albi Israel da Silveira e publicado em 2008.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



duas décadas mais tarde. Isto porque em abril de 1952 a Arquidiocese de Florianópolis/SC deu início ao pedido de beatificação, justificando que a garota deveria ser considerada mártir da Igreja Católica por ter morrido em defesa da pureza de seu corpo e de sua alma. A partir de então, páginas de jornais inteiras, diversas biografias, um memorial e até um *site* em sua homenagem foi construído. Assim, a história de Albertina deixava o anonimato e passava a condição de *acontecimento*.

Com base nas contribuições dos historiadores Pierre Nora (1995) e François Dosse (2013), entende-se por acontecimento um fato que é midiático e que, a partir do momento em que se torna conhecido, produz sentido para uma determinada comunidade. Dessa forma, o que possibilita se pensar em um retorno do fato (NORA, 1995) na História do Tempo Presente são seus suportes de difusão, a tecnologia das mídias, a possibilidade de maior tiragem dos impressos, bem como a globalização dos meios de comunicação que surgem no século XX. Isto porque “imprensa, rádio, imagens não agem apenas como meios dos quais os acontecimentos seriam relativamente independentes, mas como a própria condição de sua existência. A publicidade dá forma à sua própria produção” (NORA, 1995, p. 181). Em 1952, quando o processo pela beatificação de Albertina Berkenbrock foi instaurado, tanto a revista *O Cruzeiro*, quanto o jornal católico *O Apóstolo* foram responsáveis por divulgar matérias importantes sobre a história de vida, morte e martírio da menina. A publicização do caso deveu-se a abertura do processo de beatificação e é a partir daí que se pode inferir a ele o caráter de acontecimento.

Contudo, para que o acontecimento exista, não basta que haja a sua emissão, é necessário que ele se difunda e seja recebido e aceito por um determinado público (DOSSE, 2013). Há de se considerar, portanto, que antes mesmo da abertura do processo de beatificação a imagem de Albertina já era conhecida e cultuada entre os membros da comunidade onde viveu. O que aconteceu a partir de 1952, com a abertura do processo de beatificação, é que a imagem de Albertina atingiu novos níveis de divulgação, que permitiu com que um maior número de fiéis conhecesse a história da menina e com ela se identificasse. Dessa forma, ainda que a imagem de Albertina fosse conhecida e cultuada antes da instauração do processo de beatificação, estamos considerando que ela pode ser entendida enquanto acontecimento apenas a partir de 1952, uma vez que é através da abertura do processo de beatificação que a imprensa (em especial a católica) passa a dar destaque ao ocorrido.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Ainda que os impressos mencionados tenham sido ferramentas importantes para a difusão da história da menina, sua circulação se restringia às pessoas que compravam ou assinavam os periódicos. Conforme as historiadoras Maria Stephanou e Marli de Oliveira Costa (2009), a divulgação do caso tornou-se mais intensa a partir de 1958, com a publicação do primeiro livro dedicado a narrar a vida de Albertina. Além deste escrito por Padre Alvino Bertoldo Braun, as autoras destacam outros dois: “um opúsculo escrito pelo Bispo D. Hilário Moser, em 2001, e outro escrito em 2002 pelo Diácono Aury A. Brunetti, quando da reabertura do processo de beatificação que havia sido sustado desde 1959” (STEPHANOU; COSTA, 2009, p. 115).

Todos os livros que Stephanou e Costa (2009) fazem referência foram publicados antes de Albertina ser nomeada beata e mártir da Igreja Católica em 2007. Neste artigo, dedicarei maior atenção ao discurso colocado após a beatificação, a fim de observar de que forma ele foi construído e qual imagem da menina a Igreja pretendeu perpetuar após a titulação. Para isto, utilizarei como fonte o livro *Albertina Berkenbrock: Do nascimento à beatificação*, escrito por Albi Israel da Silveira e publicado em 2008.

“ALBERTINA BERKENBROCK, DO NASCIMENTO À BEATIFICAÇÃO”?

Diferente dos demais livros de caráter biográfico escritos sobre Albertina, Albi Silveira é jornalista, e não uma autoridade clerical. O que não significa que a sua narrativa não faça alusão ao discurso oficial católico, prova disso é que a apresentação do livro foi escrita pelo padre Sérgio Jeremias de Souza, denominado vice postulador da causa de Albertina, e diz:

Tenho a máxima alegria em apresentar o livro do senhor “Albi”, intitulado: “Albertina, do nascimento à beatificação”. Realizando uma pesquisa como verdadeiro apaixonado pela causa de Albertina, o senhor Albi foi colecionando, ao longo do tempo, amplo material que pode ser útil em nível histórico ou, mesmo, a título de curiosidade. [...] Folheá-lo é, ao mesmo tempo, fazer um passeio pela história de Albertina na visão do nosso povo. “Seu Albi”, devoto, apaixonado por Albertina, historiador informal, romancista por inspiração, presenteia-nos com a presente obra que, acredito, muito nos falará da Bem-Aventurada Albertina Berkenbrock. (SILVEIRA, 2008, p. 07)

Alguns pontos podem ser observados a partir do trecho apresentado acima. O primeiro deles é o fato de o autor ser membro da comunidade que venera Albertina e partilhar da



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



memória construída da menina, o que já dá indícios das subjetividades e intencionalidades presentes na biografia, bem como justifica o fato dela ser aceita pelo clérigo da Igreja. O segundo ponto é o caráter de veracidade concedido pelo padre ao afirmar que o livro contém material de “nível histórico”. A história, neste caso, foi utilizada para levar o tom de legitimidade ao discurso apresentado. Na esteira dos escritos do filósofo Michel Foucault (2004), pode-se verificar que há um controle por parte da instituição católica do que pode ser narrado sobre a vida de Albertina, ao passo que é ela própria quem dá a condição de verdade para o discurso difundido. A pretensão de reconhecimento de determinadas verdades por parte dos fiéis fazia com que a Igreja selecionasse e organizasse o discurso sobre a menina, à medida em que anulava todos os outros.

A terceira questão vai ao encontro da anterior. O historiador Benito Bisso Schmidt (1997) explica que essa intenção de verdade na narrativa biográfica faz com que jornalistas utilizem de informações retiradas de fontes sem problematizar a forma como foram produzidas. Ao contrário da historiografia que “manteve-se fiel à tradição da crítica (interna e externa) aos documentos: quem produziu determinado vestígio? em que situação? com quais interesses?” os trabalhos jornalísticos nem sempre carregam estes questionamentos. Assim, as fontes acabam sendo utilizadas como retrato fiel da realidade, como dados que fomentam a narrativa sem serem investigados. O que fica evidente na biografia escrita pelo jornalista Albi Silveira sobre Albertina:

Muitas eram as pessoas que a viam transitar pelas estradas com uma cruz na mão, confeccionada com ramos de gravetos secos e todas eram unânimes em reconhecer na menina a serenidade de expressão e o retraimento de atitude. Teve, por razões óbvias, que suportar muitas injustiças, pois naturalmente as coleguinhas faziam dela o objeto de suas troças. É evidente que esses modos bruscos, próprios da índole infantil, cooperaram para tolhar ainda mais suas atitudes, apurando o seu espírito na filosofia cristã, pois a nada revidava, nem mesmo com palavras (SILVEIRA, 2008, p. 16).

Ainda que ao final do livro apresente uma lista com as referências utilizadas, estas que inclui matérias de revistas, jornais e biografias que anteriormente foram escritas sobre a menina, Silveira (2008) não questiona as intencionalidades de suas produções. Por exemplo, no trecho acima, utiliza de relatos colhidos por outras pessoas para traçar o perfil de Albertina na infância. Esses relatos são utilizados “como dados, e não como leituras da realidade” (SCHMIDT, 1997, p. 09). Não leva em conta, por exemplo, “os complexos processos de



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



recriação do passado, das relações entre o lembrar e o esquecer, que marcam o funcionamento da memória” (SCHMIDT, 1997, p.09). No caso de Silveira, ainda deve-se levar em consideração o fato dele ser devoto da beata, o que explica ele não questionar o que foi dito sobre ela e preferir compor entre “o ‘verdadeiro’ e o ‘verossímil’, as ‘provas’ e as ‘possibilidades’” (SCHMIDT, 1997, p. 14).

A quarta e última observação está no próprio nome do livro. *Do nascimento à beatificação* nos dá prenúncios de que a obra foi escrita a partir de uma perspectiva linear, estabelecendo relação entre o passado, representado a partir do nascimento, e do presente, representado a partir da beatificação que acabava de ser oficializada. Neste sentido, diversos são os intelectuais que debatem sobre os problemas de escritos biográficos que partem do uso de uma ordem cronológica para a construção da narrativa. A começar pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1996) que disserta sobre a ilusão em produzir uma história de vida “desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo” (BOURDIEU, 1996, p.184).

Além do título, a própria forma como o sumário foi organizado também evidencia que a biografia fora escrita a fim de estabelecer um ideal para a vida de Albertina desde o berço. Depois da introdução, Silveira (2008) descreve o que chama de “O retrato da Serva de Deus” e dá atenção para a curta vida de Albertina, desde o seu batizado, passando pela primeira comunhão e o ingresso na escola. Depois, traça a sua genealogia, o dia do crime, o velório, a abertura do processo de beatificação e encerra o livro com a cerimônia que a beatifica. Essa linearidade também é manifestada na escrita biográfica, como no seguinte trecho:

Desde a mais tenra idade, Albertina foi educada dentro dos mais belos ensinamentos morais e religiosos. Não havia dúvidas de que a menina-criança privilegiada aos sopros divinos, correspondia plenamente a tanto desvelo. Santas práticas, tradicionais na família, como orações da manhã e da noite, de antes e depois das refeições, em especial, a reza diária do terço, marcavam os ensinamentos maternos (SILVEIRA, 2008, p. 15).

Percebe-se aí a construção de uma narrativa que constitui a vida em um todo, “um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva” (BOURDIEU, 1996, p.184). O sociólogo citado ainda disserta sobre a utilização de termos como “sempre” ou “desde então”, como o utilizado pelo biógrafo,



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



“desde a mais tenra idade”. Isso porque entende que o sujeito é formado por elementos descontínuos, aleatórios e fora de um propósito aparente. Dessa forma, como a intenção da biografia pretendia justificar a santidade da Albertina, não apenas a partir do seu assassinato, mas também a partir da sua personalidade e da sua criação, traços que não condizentes com os princípios cristãos possivelmente foram invisibilizados. A historiadora Vavy Borges (2005, p. 221) alerta sobre essa seleção permanente que o gênero biográfico carrega, uma vez que “não há outra forma para narrar uma vida a não ser selecionando o que nos parecer significativo”.

Há ainda de se ressaltar que as histórias de santos e santas escritas na nossa contemporaneidade muito se assemelham com as hagiografias escritas no medievo. Schmidt (2003) atenta para o caráter pedagógico desse tipo de texto, visto que “mais do que apresentar a vida de um homem, essas narrativas edificantes ofereciam modelos de conduta, de virtude, de caridade, de castidade, de fé” (SCHMIDT, 2003, p. 59). Para além de narrar o passado como realmente aconteceu, a hagiografia enquanto gênero literário, é construída no presente do biógrafo, e assim como qualquer outro tipo de produção, parte das expectativas e das demandas deste presente. Sendo assim, “não se referem ao que passou, mas ao que é exemplar no momento da redação” (DOSSE, 2009, p. 138).

Essa relação entre passado e presente fora muito cara ao historiador Reinhart Koselleck (2014, 2014, p.13), para quem “ritos e dogmas dependem de repetibilidade para garantir sua constância”. Costumes, regras, leis, bem como instituições e organizações, seja no âmbito político, econômico ou social, dependem da repetição para poderem se renovar. Ou seja, o caráter exemplar presente na biografia de Albertina e de outros (as) santos (as) se fundamenta na repetição dos princípios e valores cristãos já familiares aos fiéis. Assim, não se pode observar o processo de beatificação de Albertina enquanto fato isolado em sua singularidade, deslocado das repetições e de experiências previamente adquiridas. Ainda que possua suas singularidades, a beatificação de Albertina, que se dá em um determinado presente, pode ser entendida como fruto de um discurso conservador que historicamente estabelece um modelo de mulher ideal específico.

Em diálogo com Koselleck (2014), Dosse (2013) percebe que “qualquer discurso sobre um acontecimento veicula, conota uma série de acontecimentos anteriores, o que dá total importância à trama discursiva que os religa dentro de um enredamento” (DOSSE, 2013, p. 85). Assim, os acontecimentos constituem-se de “experiências vividas e pelas expectativas das



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



peças que atuam ou que sofrem” (KOSELLECK, FP, p. 306). Isso não significa que o acontecimento já esteja previamente construído com base em um passado. Ao contrário, ele se dá no presente, parte da construção da mídia e é “dependente da hierarquização de importância que decidirá levá-lo ou não à praça-pública” (DOSSE, 2013, p. 338). Ou seja, o processo de beatificação de Albertina, ainda que seja amparado por um passado trágico para legitimá-lo e que não seja possível deslocá-lo do crime que resultou a sua morte, trata-se de algo novo, fabricado pelas mídias, mas que só produz sentido a partir do momento em que é significado por um público.

“ALBERTINA, MENINA RECATADA E DE HÁBITOS PROFÉTICOS”: A CONSTRUÇÃO DA SANTIDADE

Mas por que o reconhecimento da santidade de Albertina Berkenbrock por parte da comunidade era tão importante para o andamento do processo de beatificação? A socióloga Maria Cristina Peixoto (2006) pinçou algumas das normas formais que devem ser seguidas, segundo o Código de Direito Canônico³ para a candidatura frente à Igreja:

- O candidato tem uma reputação de ter morrido como mártir ou por ter praticado virtudes cristãs em grau heróico?
- O povo pede a intercessão do candidato para conseguir favores divinos?
- Qual a mensagem trazida pelo candidato à Igreja?
- Existem fatos comprobatórios do martírio ou das virtudes heróicas do candidato?
- Há algo na vida do candidato que seja obstáculo à sua canonização (por exemplo, escritos pouco ortodoxos, não condizentes com a fé católica)?
- Há a ocorrência de milagres em potencial?
- Há algum motivo pastoral para a não beatificação/canonização do candidato no momento?
- A partir da beatificação ocorreram novos milagres? (PEIXOTO, 2006, p. 90)

Observa-se que a reputação do candidato dentro da comunidade em que pertencia é parte significativa para o reconhecimento da santidade de um determinado sujeito. Daí a importância que se deu da divulgação da história de Albertina quando o processo de

³ O Código de Direito Canônico é o principal documento legislativo da Igreja Católica. Ele abrange os elementos fundamentais para a estrutura hierárquica e orgânica da Igreja, bem como define os direitos e as normas comportamentais a serem seguidas pelos(as) fiéis. O documento completo está disponível para consulta no site oficial do Vaticano: <http://www.vatican.va> Acesso em: 19 fev 2019.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



beatificação foi instaurado em 1952. Em 1959 ele fora arquivado, não se sabe muito bem os motivos, mas a Arquidiocese não respeitou o período de 50 anos necessário entre a morte da candidata e a abertura do processo. Ainda assim, mesmo que não tenha sido levado adiante, “contribuiu para a construção de uma memória, assim como a representação da santidade de Albertina, que, enfim, cinquenta anos depois, culminou em sua beatificação” (RIBAS, 2009, p. 207). Em entrevistas realizadas por Stephanou e Costa (2009) em 2005, mais de cinquenta anos após a primeira abertura do pedido de beatificação e mais de setenta desde a morte da menina, percebeu-se que

A história da morte trágica da menina Albertina Berkenbrock foi difundida oralmente por meio de versos e prosas. O Senhor Manoel “Bilica”, morador de Garopaba, recorda-se que cantava uma décima sobre o episódio. Muitas pessoas do sul de Santa Catarina lembram que, desde crianças, ouviam a história trágica do assassinato da menina. (STEPHANOU; Costa, 2009, p. 114)

O assassinato é recorrente, tanto nas entrevistas realizadas pelas historiadoras, quanto na biografia escrita por Albi Silveira (2008), pois é a partir dele que o martírio de Albertina foi legitimado. Conforme o autor, “em 16 de dezembro de 2006, o Vaticano, por Decreto, após estudo minucioso do caso, reconheceu o seu martírio por defender sua fé, seus princípios e sua castidade com a própria vida. Assim sendo, a sua beatificação não necessitou da comprovação de milagres” (SILVEIRA, 2008, p. 61-62). Diferente dos processos em que não é configurado um ato de martírio, ou seja, que não se entende que o candidato abdicou da própria vida em defesa de Cristo e dos princípios cristãos, o mártir não necessita ter realizado milagres para que a sua santidade⁴ seja reconhecida.

A historiadora Solange Andrade (2008) ao pesquisar a construção da santidade dos (as) mártires, verificou que “a única forma de uma criança tornar-se santa ou beata é a morte via sacrifício, suportar uma dor extremamente intensa, na qual tenha demonstrado coragem e determinação” (ANDRADE, 2008, p. 248), o que pode ocorrer em três circunstâncias distintas: “uma doença grave, uma morte violenta, sob tortura e, muito raramente, quando é vítima de

⁴ Conforme o Código de Direito Canônico, a principal diferença entre beato e santo está no número de milagres comprovados pela Igreja Católica. Para o processo de beatificação é necessário que o candidato tenha realizado um milagre, ou, no caso dos mártires, dado sua vida em nome dos valores cristãos. Os santos precisam ter dois ou mais milagres comprovados. Tanto os beatificados, quanto os canonizados, possuem poderes taumaturgos. Segundo o historiador e antropólogo Hugo Soares (2007) na prática, a única coisa que se altera é a restrição territorial de veneração. Enquanto o beato apenas pode ser venerado pela comunidade em que viveu, o santo o pode por toda a comunidade Católica.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



uma experiência divina (ANDRADE, 2008, p.248). Albertina se encaixa no segundo dos casos descritos e configura em um modelo de conduta para a comunidade. A construção da santidade da menina repousa no sofrimento desencadeado na sua morte, e essa “relação sofrimento/santidade é utilizada há muito tempo para justificar a ideia de purificação, presente no sofrimento. A ideia de que o sofrimento purifica vem desde as religiões pagãs e foi absorvida pelo cristianismo” (ANDRADE, 2008, p. 241).

O dia 15 de junho de 1931 foi um marco que destacou e lançou a sua história num desvio místico. Num vazio afetivo que só seria preenchido pelo exemplo, pela bondade, fé e força espiritual de uma menina que disse não à banalização do seu corpo, não à fraqueza em respeito aos seus pais, à família, a Deus. Exemplo a todos quanto vierem a conhecer a história da Bem-Aventurada, ALBERTINA BERKENBROCK. (SILVEIRA, 2008, p.19)

André Vauchez (1995) historiciza a perspectiva cristã utilizada para dar o título de santo a homens e mulheres ao longo dos séculos. Conforme o autor, os homens historicamente foram responsáveis pelo controle dos bens e das riquezas e, através da abdicação desses valores em auxílio aos mais pobres e em nome de Cristo, tiveram suas santidades justificadas. Por outro lado, as mulheres, que não detinham o poder monetário, foram relegadas ao lar, a família e aos cuidados domésticos. Dessa forma, como os modelos de santidade correspondem a categorias reconhecidas pela perfeição cristã (VAUCHEZ, 1989), a santidade do homem se dá muito mais em sentido às suas conquistas públicas, em oposição a da mulher, que se dá no âmbito da vida privada e no controle de seus corpos.

Quando o biógrafo escreve que Albertina disse não a banalização do seu corpo, ele está se referindo a preservação da virgindade, da delicadeza e da pureza do corpo que, segundo o discurso normatizante católico, são valores caros às mulheres. A Igreja, como importante instituição que controla a sexualidade feminina, proíbe e interdita o sexo através de seus discursos normatizantes. Foucault (1985) afirma que “estamos em uma sociedade do ‘sexo’, ou melhor, ‘de sexualidade’: os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada” (FOUCAULT, 1985, p. 138). Ou seja, a sexualidade está estritamente relacionada aos dispositivos que estipulam valores sobre os corpos a partir das relações de poder impostas.

Albertina é o exemplo de auto-estima a ser seguido pelos jovens de hoje. Árdua tarefa nesses dias nebulosos da consciência humana, onde a



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



banalização da vida está, infelizmente, em evidência. Dignidade e personalidade, duas características do ser humano que devem ser cultivadas individualmente, sem influências externas, mas sob os pilares da obediência aos pais e às Leis do Senhor nosso Deus. (SILVEIRA, 2008, p.43)

Segundo o sociólogo e teólogo Peter Berger (1985, p. 41), a religião é responsável por construir determinadas visões de mundo, por tentar “conceber o universo inteiro como humanamente significativo”. Na condição de instituição de poder, a Igreja Católica utiliza de diferentes dispositivos legitimadores. Estes dispositivos são responsáveis por manter coerência, através de gerações, entre a realidade vivida e as normas que precisam ser mantidas (BERGER, 1985). Ou seja, os discursos religiosos produzem determinados valores a serem transmitidos por cada geração para que a próxima “venha também a ‘habitar’ o mesmo mundo social” (BERGER, 1985, p.23). A santidade católica pode ser entendida como uma dessas fórmulas legitimadoras utilizada pela Igreja, na medida em que oferece modelos passíveis de serem imitados pelos indivíduos de uma determinada sociedade. Os valores, produzidos socialmente, atribuídos a imagem do que significa ser santo(a), contribuem para que discursos normativos se perpetuem e uma determinada ordem social se justifique (BERGER, 1985).

As pessoas esquecem, e os(as) santos(as) servem como “lembretes” das normas colocadas para os fiéis dos costumes e valores que devem ser seguidos (BERGER, 1985). Quando o biógrafo de Albertina evoca a menina como exemplo de dignidade e obediência para os jovens, ele está fornecendo um modelo de conduta centrado na adesão da fé católica (ANDRADE, 2008) a ser adotado por um público específico. Desde a década de 1960, com a instauração do Concílio Vaticano II (1962-1965), a Igreja Católica passou a dar cada vez mais espaço de atuação para o “povo de Deus”. A historiadora Caroline Cubas (2007, p. 32) afirma que os leigos passaram a ser “preparados para atender ao chamado da Igreja e disseminar o modo de vida e a verdade instituída pela mesma através do exercício e da função específica que ocupavam”.

Ao passo que com a modernidade novos modelos de homens e mulheres eram apresentados aos católicos, a Igreja percebeu a necessidade de incluir a comunidade em uma participação mais efetiva no processo de salvação. Anteriormente a santidade era vista “como algo reservado a poucos dotados de qualidades sobrenaturais” (PEIXOTO, 2006, p. 13). Ao reafirmá-la como um fenômeno universal, canonizando e beatificando pessoas comuns, o santo se humanizou e possibilitou aos cristãos “reiterar os ensinamentos da Igreja, independente da



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



imensa diversidade cultural da humanidade” (PEIXOTO, 2006, p. 14) que era apresentada aos fiéis através dos novos meios de comunicação, de cultura e de lazer. Essa aproximação entre o que era possível na vida dos fiéis com a vida de Albertina pode ser observada no seguinte trecho, quando Albi Israel da Silveira (2008) atribui às práticas tradicionais da família Berkenbrock os ensinamentos da moral religiosa:

Por seu comportamento recatado e tímido, Albertina era, quase sempre, alvo de risos por parte dos coleguinhas. Ela, porém, jamais reagia a isso, nem mesmo em palavras.

Toda essa educação, toda essa personalidade, foi sendo fomentada desde o seu nascimento por seus pais em 11 de abril de 1919...

O casal Henrique e Josefina Berkenbrock exultava de alegria. Pois num ambiente bucólico, majestoso e tranquilo, nascia um ser especial.

Descendentes dos primeiros colonizadores da região, eram proprietários de grande quantidade de terra. Da infância à pré-adolescência, a vida passava num piscar de olhos.

Entre o trabalho de casa, a rotina da lida diária na roça, estudos e idas frequentes à capela local, estavam o respeito a Deus, a obediência aos pais e uma criatividade profética na sua forma de brincar. (SILVEIRA, 2008, p. 13)

“A santidade e a perfeição era um convite e, acima de tudo, obrigação de cada fiel, e deveria ser buscada através de uma vida exemplar” (CUBAS, 2007, p.33). No caso de Albertina, observa-se que essa vida exemplar foi apresentada tanto a partir da personalidade da menina, quanto das raízes católicas da família. Além do trabalho e da obediência aos pais, Albertina também é respeitada pelo cuidado com o lar. O fato de cozinhar e cuidar dos irmãos mais novos enquanto os pais trabalhavam corrobora para a construção de mulher ideal que, conforme mencionado anteriormente, tem suas qualidades atribuídas a partir de sua vida privada.

O recato e a timidez ao mesmo tempo que são características apresentadas com a intenção de diferenciar Albertina das demais meninas da sua idade, estabelece um modelo de santidade familiar. Isso porque “as pessoas não se contentam com a veneração de intercessores, ilustres ou não, que tinham vivido em séculos passados e em regiões misteriosas” (VAUCHEZ, 1989, p. 225), há um interesse cada vez maior por figuras modernas e familiares, onde “o santo não se limita a um corpo dotado de extraordinários privilégios” (VAUCHEZ, 1989, p. 225), sendo, antes de tudo, um ser vivo.

A adesão à fé católica da família Berkenbrock desde antes do nascimento de Albertina é uma das principais ferramentas utilizadas pela Igreja para retratar sua figura de santidade.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Entretanto, é a partir do confronto de valores como a inocência, a pureza e a bondade “com um mundo imerso em perigos, perdas e dores” (ANDRADE, 2008, p. 254) que a capacidade intercessora do santo é firmada entre os fiéis, devido ao entendimento popular de que “santo só é santo se faz milagre” (ANDRADE, 2008, p. 254). Andrade (2008) ainda afirma que é comum que pessoas que estejam passando por um sofrimento intenso procurem por intercessores com o perfil de Albertina.

Eram curas espantosas como, por exemplo, a ocorrida nos anos 50, com o menino BOAVENTURA, que era paraplégico. Inúmeras outras graças obtidas pelos fiéis, também, aconteciam com frequência, apenas por invocarem o nome de Albertina em suas orações. A rápida passagem dela pela vida terrena, sacrificando-se em defesa de sua honra, inspirou fervorosa crença popular na sua predestinação a santidade. (SILVEIRA, 2008, p. 44)

Não cabe ao trabalho do (a) historiador (a) julgar a verdade dos fenômenos religiosos, “confirmar ou informar a verdade dos mesmos escapa à sua competência enquanto cientista” (GOMES, 2002, p.20). Ademais, muito se falou até agora do sacrifício em defesa da honra e da pureza realizado por Albertina. Do quanto a sua morte trágica foi importante para legitimar a sua santidade e justificar o martírio. Mas como isso foi apresentado no discurso religioso?

Tudo começou quando o pai de Albertina solicitou que a menina fosse atrás de um boi da família que havia fugido por meio das terras dos Berkenbrock,

Nessa caminhada, se afastou do povoado cerca de meio quilômetro, quando deparou-se, casualmente, com o oleiro Manoel Palhoça, empregado de seu pai, que realizava seu trabalho de costume. Albertina perguntou-lhe se, por acaso, vira passar o boi, por ali. Foi então tranquilizada, com a informação de que o animal estivera momentos antes no local, devendo, portanto, achar-se por perto. Complementando a informação, Palhoça apontou para uma trilha: “Você pode entrar por ali que vai encontrar ele”. Nesse momento, a nuvem negra da imbecilidade humana tomou conta daquele cérebro, tornando-o irracional. [...]

[Albertina] nem imaginava a surpresa que a aguardava no interior da mata. Ouviu de repente, ruídos de passos e barulhos nos arbustos e, ainda que pudesse constatar o que estava acontecendo, viu surgir na sua frente o próprio Maneco.

[...] Ao pressentir o perigo, gritou desesperadamente por socorro. O anjo e o monstro travaram uma luta, cujo final trágico mostrou a vitória perpetuada na sua memória de mártir... Uma verdadeira SERVA DE DEUS.

Temendo que o alarido atraísse ao local lavradores da vizinhança, Palhoça ainda tentou amordaçá-la. Ela, porém, continuou a gritar. E, se débeis e abafados eram seus gritos, agora, tenaz foi à resistência que ofereceu aos ímpetos brutais do homem, debatendo-se violentamente. Exasperado, Palhoça desembainhou o punhal que trazia à cintura e, num golpe, degolou o pequeno



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



anjo de São Luís. Daquele frágil corpo de criança prostrado no chão, o monstro viu, então, correr o sangue derramado em holocausto, da inocência que não conseguira macular. (SILVEIRA, 2008, p. 21-22)

Observa-se o teor racista utilizado no discurso do biógrafo ao falar da “nuvem negra da imbecialidade humana” (SILVEIRA, 2008, p. 21), que traça relação entre a cor de Palhoça e o crime cometido. O que serve também para apresentar a dicotomia entre o bem e o mal, o anjo e o monstro, que são evidenciadas no trecho acima e que colocam Albertina “entre os dois mundos, terreno e divino” (VAUCHEZ, 1987, p. 300). Sob o título de “A fatalidade”, o biógrafo narrou, de forma extensa e detalhada, o que se sucedeu à Albertina no dia de seu assassinato, ao passo que o discurso, consoante com o da Igreja Católica, concentra-se em destacar a inocência de Albertina ao mesmo tempo em que também a coloca como sujeito ativo do ocorrido. É porque foi ela quem resistiu a violência sofrida em nome dos princípios e valores cristãos que pode ser considerada mártir.

Ora “dócil, pura e inocente” (SILVEIRA, 2008, p. 21), ora recatada, tímida e trabalhadora, o termo “vítima” não é recorrente para adjetivar a menina. A sua morte foi utilizada pelo discurso religioso com a intenção de estabelecer um exemplo de conduta para as jovens e colocar como virtudes centrais aquelas ligadas ao controle do corpo e da sexualidade, tais como a pureza e a virgindade. A romantização do crime foi responsável por normatizar a violência sofrida pela menina e vitimizá-la tiraria a sua agência. Esse discurso é difundido pela Igreja Católica desde a abertura do processo de beatificação e ainda hoje produz sentido entre os fiéis.

A construção de uma narrativa linear por parte da biografia analisada contribui para o entendimento de que Albertina estava destinada à santidade desde o seu nascimento, devido à sua personalidade e a sua criação em uma família tradicional católica, que teria desde muito cedo se preocupado em passar para a menina as virtudes e os valores cristãos. Com isso, a Igreja acabou por fazer novos usos a partir da violência sofrida pela menina. O turismo religioso, por exemplo, é atualmente uma importante fonte de renda para a comunidade de Imaruá, devido à história de martírio da beata.

“Todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem” (KOSELLECK, 2006, p.306). Assim, analisar a beatificação de Albertina Berkenbrock como um acontecimento (DOSSE, 2013), não significa



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



compreendê-lo como um fato isolado, dotado de singularidade (KOSELLECK, 2014). Ao contrário, pretendeu-se perceber ao longo deste artigo as ligações com o passado, às vezes distante, outras nem tanto. E, igualmente, observar quais as repetições do passado foram necessárias para que se tornasse acontecimento num determinado presente. Assim, a relação com a violência do assassinato se alterou conforme a beatificação da menina foi tomando forma. Agora, Albertina não era apenas a menina a qual viveu uma vida comum em um pequeno município de Santa Catarina, a quem coube um trágico fim. Era conhecida, mártir da Igreja Católica, o que alterou o sentido do seu passado, que outrora fora de vítima, hoje, de santa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Solange Ramos. **A religiosidade Católica e a Santidade do Mártir**. Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de história da PUC-SP, São Paulo: Educ, n.37, p.237-260, dez. 2008.

BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado** - Elementos para uma teoria sociológica da Religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandeza e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bessanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 203-234

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183-191.

Código de Direito Canônico. Disponível em: <http://www.vatican.va> Acesso em: 19 jan. 2019.

CUBAS, Caroline Jaques. **O corpo habituado: sentidos e sensibilidades na formação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição (Província de Nossa Senhora de Lourdes, 1960 - 1980)**. 2007 Dissertação (Mestrado em História) - UFSC, Florianópolis.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Ed. EDUSP, 2009.

_____. **Renascimento do acontecimento**. São Paulo: Ed. UNESP, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 10 ed., São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GOMES, Francisco José da Silva. A Religião Como Objeto da História. In: LIMA, Lana Lage da Gama. **História & Religião**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 13 - 24.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo**. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014.

_____. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio, Contraponto, 2006.

NORA, Pierre. O Retorno do Fato. In LÊ GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: Novos Problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

PEIXOTO, Maria Cristina Leite. **“Santos da porta ao lado”**: caminhos da santidade contemporânea católica. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - UFRJ, Rio de Janeiro.

RIBAS, Ana Claudia. A **“boa imprensa” e a “sagrada família”**: sexualidade, casamento e moral nos discursos da imprensa em Florianópolis - 1929/1959. 2009. Dissertação (Mestrado em História) - UDESC, Florianópolis.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **Métis: História e Cultura**, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, p.57-72, jan. 2003.

_____. Construindo biografias...historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, v. 10, n. 19, p. 3-21, 1997

SILVEIRA, Albi Israel da. **Albertina Berkenbrock**: do nascimento à beatificação. Bem-Aventurada Albertina Berkenbrock. Tubarão: Humaitá, 2008.

Site oficial da beata Albertina Berkenbrock. Disponível em: <http://www.beataalbertina.com>
Acesso em: 19 jan. 2019.

STEPHANOU, Maria; COSTA, Marli de Oliveira. A infância e o Discurso Religioso: o caso da menina que virou santa no Sul do Brasil (década de 1940). In: SCHREINER, Davi Félix; PEREIRA, Ivonete; AREND, Silvia Maria Fávero. **Infâncias brasileiras**: experiências e discursos. Cascavel: Unioeste, 2009. p. 113-140.

SOARES, Hugo Ricardo. **A Produção Social d Santo**: Um estudo do processo de beatificação do Padre Rodolfo Komórek. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Unicamp, Campinas, 2007.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. O santo. In: LE GOFF, J. (dir.) **O homem medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

_____. Santidade. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987. v. 12.